

## Sobre os rastros da reportagem: a experiência de duas repórteres brasileiras na Palestina

Of the trails of reporting: the experience of two Brazilian female reporters in Palestine

**Reges Schwaab**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Campus Frederico Westphalen.  
Linha 7 de Setembro, s/nº, BR 386, Km 40, Frederico Westphalen (RS). reges.ts@gmail.com

**Cleusa Jung**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Campus Frederico Westphalen.  
Linha 7 de Setembro, s/nº, BR 386, Km 40, Frederico Westphalen (RS). jung\_cleusa@hotmail.com

**Mateus Quevedo**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Campus Frederico Westphalen.  
Linha 7 de Setembro, s/nº, BR 386, Km 40, Frederico Westphalen (RS). mateus\_dooh@live.com

**Jéssica Hock**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Campus Frederico Westphalen.  
Linha 7 de Setembro, s/nº, BR 386, Km 40, Frederico Westphalen (RS). hock.jessica@gmail.com

---

**Resumo.** O presente artigo faz aproximações em torno da experiência e da narrativa de duas repórteres brasileiras, Helena Salem e Adriana Mabilia, na cobertura da questão Palestina. Em diferentes momentos, elas sintetizam em livro um percurso intenso de reportagem em torno do tema. *Palestinos, os novos judeus*, publicado em 1977 por Salem, e *Viagem à Palestina: prisão a céu aberto*, lançado por Mabilia em 2013, estimam no tempo possíveis sentidos para o conflito entre israelenses e palestinos. A cartografia que compõem é fruto da posição narrativa e da política de fontes exploradas pelas escritoras. Ambas mulheres, vindas de um país em desenvolvimento, jornalistas e interessadas pessoalmente em problematizar as condições que tornaram possível o tempo e o espaço que decidem explorar. As pistas que ofertam no narrar não reiteram naturalizações acerca do tema, esforço que permite também debater alguns aspectos da prática jornalística a partir de seus livros.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Narrativa. Livros. Palestina. Brasil.

**Abstract.** This article takes on the experience and narrative of two Brazilian reporters, Helena Salem and Adriana Mabilia, in the coverage of the Palestine question. In different moments, both summarize as books an intense trajectory of reporting on the subject. *Palestinians, the new Jews (Palestinos, os novos judeus in the original)*, published in 1977 by Salem, and *Trip to Palestine: outdoor prison (Viagem à Palestina: prisão a céu aberto)*, published in 2013 by Mabilia, project over time some possible meanings for the conflict between Israeli and Palestinians. The cartography they compose results from the narrative position and the politics of the sources explored by them. Given that both women come from a developing country and are journalists, they are personally interested in problematizing the conditions that made possible the time and space chosen for their exploration. The clues they offer in their narration do not reprise naturalizations on the subject, an effort which allows also for a debate on some aspects of the practice of journalism based on their books.

**Keywords:** Journalism. Narrative. Books. Palestine. Brazil.

## Comentários iniciais

Segundo Carvalho (2014), a comunicação pode ser um “mapa” da realidade em mutação a estudar. A partir dessa perspectiva, apresentamos aqui um exercício tentativo e reflexivo em torno da narrativa de duas repórteres brasileiras em sua travessia pelo tema da Palestina, seus sujeitos e suas questões. Nosso pano de fundo é a proposição de Motta (2012, p. 220) que sugere considerar a narrativa jornalística uma “apresentação experimental do mundo, que põe continuamente a realidade à prova”. Assim, no âmbito da experiência partilhada, a narrativa sonda de forma intermitente o tempo e o espaço, alimentando a produção de novos sentidos no círculo hermenêutico que dá base para a ação dos sujeitos. O presente texto é fruto de discussões a partir de uma investigação coletiva. Nela, pesquisadores docentes e discentes realizaram reuniões de estudo de diferentes livros escritos por jornalistas e que retratam questões do Oriente Médio; em especial, acerca do histórico conflito Israel e Palestina<sup>1</sup>. A reflexão aqui proposta é um breve recorte de elementos observados e analisados em diferentes produções. Para o artigo, centramo-nos em duas produções de repórteres brasileiras que – em diferentes momentos históricos – se deslocaram à Palestina em extensos trabalhos de apuração e escrita jornalística: *Palestinos, os novos judeus*, publicado em 1977 por Helena Salem, e *Viagem à Palestina: prisão a céu aberto*, lançado por Adriana Mabilia em 2013, textos com ligações que transcendem um tema em comum.

Nosso movimento de pesquisa resulta em apontamentos que consideram a produção jornalística por uma visada heterotópica (Foucault, 2009): em torno de lugares e espaços jornalísticos, como no caso dos livros, que funcionam em condições não-hegemônicas, em modo diferente do ritmo da imprensa diária e cuja promoção serve para estabelecer alguma tensão acerca da escrita jornalística. Enquanto exercício de linguagem, o produto do jornalismo se consolida sob forma de narrativa. E conforme Carvalho (2012, p. 171), “se aquilo que se narra é ontologicamente marcado, podemos, portanto, sempre encontrar marcas do social,

do cultural, do econômico, enfim, do ambiente mais amplo em que se inscreve cada narrativa posta em circulação”. Tomar a narrativa como central para a experiência do tempo e do espaço e – no mesmo passo – inverter esse caminho, permite tecer diferentes considerações sobre o sujeito jornalista, seu fazer e seu dizer. Alimentados pelas proposições de Walter Benjamin, o exercício de leitura que resumimos aqui mantém em seu campo a ideia de que “a narrativa não está interessada em transmitir o puro-em-si da coisa narrada como apenas uma informação ou um relatório. Ela interage a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (Benjamin, 1994, p. 205).

Para tomar os livros como objetos de interesse – conceitualmente – demarcamos que se tratam de “livros de repórter”, ou seja, obras que oferecem “um tipo de texto que se ocupa do Jornalismo, para dele elaborar outro texto que oferece o desvendamento de certos processos jornalísticos, ou a crítica dos mesmos, em operações de produção de sentidos”; segundo proposição de Marocco (2011, p. 5), feita a partir de dois conceitos foucaultianos, prática e comentário. Para tais produções, é mais usual que os estudos de nossa área adotem a noção de livro-reportagem, seja situando-os no intervalo entre jornalismo e literatura, seja enfatizando as qualidades da reportagem alargada, como reflete Lima (1993) ao dizer da reportagem em profundidade – não periódica e de escrita mais autoral e elaborada – que utiliza técnicas literárias, ou Vilas-Boas (2007), ao tratar da reportagem narrativa em profundidade para falar desse tipo de obra. A perspectiva conceitual do “livro de repórter”, em nosso entendimento, ressalta que – para além do exercício de apuração e escrita a experiência é assumida como elemento vivo na construção apresentada pelo jornalista, dando a ver processualidades específicas do ofício; em alguns momentos, discutindo-as.

Helena Salem (1948-1999) decide viajar ao Oriente Médio nos anos 1970 para ver de perto países que havia estudado e sobre os quais falava no exercício diário do jornalismo. Carioca, judia, Salem era filha de imigrantes turcos, por isso o sobrenome. Fez graduação em Ciências Sociais (Universidade Federal do Rio

---

<sup>1</sup> O projeto “Jornalismo e narrativa: percursos e procedimentos de duas repórteres brasileiras na Palestina”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa *Resto – Laboratório de Práticas Jornalísticas* (CNPq/UFESM), acionou diferentes livros de repórteres para problematizar métodos, experiência e crítica das práticas jornalísticas. Resultaram daí textos distintos, porém complementares em relação ao percurso de estudo empreendido. Ver: Zamin et al (2015); Zamin, Nasi e Schwaab (2017); Rodrigues et al (2015).

de Janeiro, 1970) e – a seguir – iniciou a carreira na imprensa no *Jornal do Brasil*. Ao mesmo tempo, buscou sua especialização em Oriente Médio, indo à Itália para uma pós-graduação em Política Internacional; após esse curso que ela viaja ao Oriente Médio. A chegada ao Egito, em 1973, coincidiu com a Guerra do Yom Kippur (ou Guerra do Ramadã), entre países árabes e Israel, que ela acabou cobrindo para o *Jornal do Brasil*. O retorno ao Brasil foi por um breve período. A perseguição levada a cabo pela Ditadura Militar brasileira fez com que Salem fosse a Portugal de onde escreveu para a revista *IstoÉ* e para o *Jornal Movimento*, além de colaborar com o periódico português *O Expresso*. Na volta ao Brasil, em 1979, Helena Salem continuou atuando no jornalismo, com passagens pelo *Jornal da República*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, onde atuou nos últimos anos de vida. *Palestina, os novos judeus* (1977), fruto da viagem ao Oriente Médio – assim como o autobiográfico *Entre árabes e judeus: uma reportagem de vida* (1991) – abordam a cobertura do conflito na região e, especialmente, a questão palestina.

Também especialista em Oriente Médio pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a paulistana Adriana Mabilia – nascida em 1969 – atuou em revistas e, há algum tempo, segue carreira no telejornalismo. TV Cultura, Rede Record e, atualmente, TV Globo, são suas experiências televisivas. Nesta última, responde pela editoria de Internacional do *Jornal Hoje*. *Viagem à Palestina: prisão a céu aberto*, publicado em 2013, mostra um esforço de reportagem já vislumbrado para o formato livro. Preparando a obra que publicou em 2014, Mabilia viajou quatro vezes à região: na primeira, foram 40 dias de apuração, entre janeiro e fevereiro de 2009, quando, baseada em Belém, na Cisjordânia, foi a Jerusalém, Ramallah, diversos vilarejos e a Israel. “As histórias que conto no livro aconteceram durante esses 40 dias”, ressalta (Mabilia, 2014)<sup>2</sup>. Quando volta a viajar, Mabilia já tinha o livro estruturado:

*Eu comecei a fazer o esqueleto do livro quando ainda estava na Palestina. Mas escrevi, de fato, quando voltei ao Brasil. Essa foi uma experiência incrível, pois eu naturalmente fui levada a escrever em tempo real, contando a história como se ela estivesse acontecendo naquele exato momento. Isso me permitiu fazer a mesma viagem duas vezes, pois durante a escrita eu tive as sensações reais, de medo, de prazer, de satisfação, de dúvidas e etc. (Mabilia, 2014).*

Adentrando cada um dos livros – na esteira da interconexão entre narrativa e experiência – nossa leitura segue sendo composta pela união do que Gagnebin (2010) nomeia de “cacos” e “migalhas” como objeto de interesse. Para a autora, eles são uma representação da força da narrativa, travestindo-a de potência. No campo mais largo do discurso narrativo, podemos dizer que o jornalismo se entrelaça e ganha forma pela herança e reconfiguração de aspectos da narrativa histórica e da ficcional que bebem uma na outra. Assim, para falar de jornalismo e de reportagem – num exercício de sondagem das práticas jornalísticas – examinamos rastros da experiência materializada na escrita de ambas as autoras. Neste tipo de travessia – imaginamos – reside a possibilidade de que o olhar para a narrativa jornalística e seu compromisso de dar a ver o presente e seus agentes possa se ampliar.

O exercício desenvolvido é apresentado a partir de três categorias que nos permitiram cotejar as obras a partir dos objetivos maiores da reflexão e do pretendido para este trabalho. Iniciamos pela discussão do feminino como traço determinante do modo do processo das reportagens. A seguir, salientamos a identificação com a causa palestina, enfatizando um lugar discursivo assumido pelas escritoras. Por fim, o terceiro elemento sublinha alguns aspectos que os livros permitem perceber acerca do posicionamento de Salem e Mabilia como jornalistas.

## A visão como mulher

Por meio da trajetória de vida, pessoal e profissional das jornalistas, podemos ter uma mais clara visão de mundo e conhecer um pouco de suas experiências vivenciadas longe de tudo que lhe é conhecido.

Em diferentes intervalos temporais, Adriana Mabilia e Helena Salem vão ao Oriente Médio para conhecer de perto o que antes haviam estudado na teoria; em especial, em seus cursos de pós-graduação. Estar sozinha em um ambiente diferente, sem as referências de tudo que era conhecido em sua experiência ocidental, acabava por deixá-las em evidência, alvo fácil em muitas situações de maior perigo. Mabilia (2013) cita explicitamente essa questão já ao relatar sua chegada ao aeroporto internacional de Tel Aviv, quando é observada por um homem que ela pensa ser um assaltante:

<sup>2</sup> Mabilia concedeu entrevista por e-mail para detalhar a construção do livro.

“Claro, eu sou a vítima perfeita: mulher, sozinha, com aparência de ocidental, logo, estou distante de casa, vulnerável. Só consigo pensar que estou perdida, mesmo” (Mabilia, 2003, p. 17-18).

Viajar sozinha era uma grande barreira, ainda mais em um local onde as mulheres sofrem discriminação, como afirma Salem (1977). Era preciso movimentar-se e resolver todas as questões sem ajuda, sempre com uma postura profissional. A autora registra que foi necessário marcar um posicionamento: “antes de mais nada, deveria impor-me, tornando claro que era uma profissional de jornalismo, que viajava a trabalho e com nenhum outro objetivo” (Salem, 1977, p. 8).

Por mais que a causa palestina fosse complicada e – como jornalistas – para alguns, houvesse tanto a necessidade de trabalhar uma imparcialidade<sup>3</sup> no relato, como a de não se deixar abalar pelos acontecimentos com os quais se depararam nos dias passados no Oriente Médio, nem Mabilia nem Salem conseguem deixar de se importar e se sensibilizar com os conflitos de que tinham conhecimento. Ambas – porém – mantêm vivo um esforço por equilíbrio entre os sentimentos e a questão política local, sem deixar de marcar sua posição.

Helena Salem menciona a imparcialidade em alguns momentos do livro, recordando a linha de raciocínio do tema que a envolve:

*Não peço que concordem comigo, mas que, pelo menos, se abram ao debate. Em toda obra, procurei o máximo de objetividade possível. No entanto, admito, em se tratando de um tema envolvente como este, às vezes é difícil manter a frieza de raciocínio, a imparcialidade, entendida como objetividade. E, acredito, toda objetividade tem seu comprometimento. (Salem, 1977, p. 12).*

Adriana Mabilia relata que foi necessário – e ainda é – ter coragem para prosseguir em empreitadas como essa: “Para quem não é dada a aventuras, desembarcar no Oriente Médio, a caminho de um lugar que está sob intenso ataque, sozinha, sem falar sequer uma palavra do idioma local e ainda meio disfarçada, não é pouca coisa não” (Mabilia, 2013, p. 11). E em meio a uma manifestação de rua, demarca: “É verdade que estou aqui como observadora e não como militante, mas é difícil não se deixar envolver pela energia que começa a tomar conta dessa gente” (Mabilia, 2013, p. 83). A questão feminina também aparece de outro

modo nas obras. E com força. Adriana Mabilia busca por fontes femininas e a partir das experiências das mulheres palestinas, entrelaça questões mais amplas com a problemática de gênero e como essa aparece na sociedade local. As mulheres enfrentam a guerra, a ocupação, o patriarcado muito presente na sociedade, o desemprego e a distância dos esposos, já que esses devem lutar pelo país. Além disso, a dificuldade de deslocamento é marcante no cotidiano feminino, já que muitas não podem sair da Palestina nem mesmo para dar à luz. A autora cita dados do relatório da Anistia Internacional quanto às restrições de movimento e a demora em passar por postos de controle militar israelense, causando complicações às mulheres que precisam de cuidados médicos. Acrescenta que “muitas mulheres foram obrigadas a dar à luz nos postos de controle, na estrada, resultando na morte dos bebês” (Mabilia, 2013, p. 50).

O deslocamento – portanto – é uma barreira constante a ser enfrentada estando em um território ocupado e com muito controle na circulação de pessoas: “Sabia que entrar na Palestina seria um desafio; é um território ocupado. Israel controla quem entra e quem sai e, claro, não tem interesse de que vejam o que de fato acontece lá dentro. E, com os ataques a Gaza, o cerco é ainda maior.” (Mabilia, 2013, p. 16). Adriana Mabilia viajou a Belém para ver de perto a situação das pessoas que enfrentavam dificuldades diárias com a circulação restrita, já que não era tarefa fácil passar pelos checkpoints impostos por Israel: “Tenho que ir, pois a viagem que farei agora levaria no máximo quarenta minutos, mas com os checkpoints o meu percurso pode levar mais de dez horas. Isso se eu conseguir chegar. Os soldados já me conhecem, sabem o que vou fazer, por isso dificultam e atrasam ao máximo a minha passagem” (Mabilia, p. 48), conta Suheir, mulher palestina com quem a escritora conversou.

Mabilia ainda retrata a realidade de famílias que se veem divididas por um muro: “Algumas pessoas ficaram sem energia elétrica, porque o poste de luz ficou do outro lado, e os fios foram cortados” (Mabilia, p. 82), relata. Além disso, a proximidade conquistada com algumas famílias e, principalmente, para conversar com as mulheres, fez com que a autora percebesse que – cada vez menos – as palestinas estão dispostas a pedir ajuda em relação ao machismo que as reprime. “Apesar da pres-

<sup>3</sup> O que sabemos ser impossível, pois o jornalismo é produto da linguagem.



são e da violência a que são expostas, elas se mantêm como protetoras da família” (p. 82), acrescenta.

Em entrevista, Mabilia (2014) destaca que seu interesse em contar a história de mulheres palestinas se deu justamente porque existe pouca informação sobre elas. “Eu escolhi as mulheres palestinas para a minha pesquisa de especialização em jornalismo internacional, justamente pela falta de informações sobre elas na mídia”.

Anos antes – ainda na década de 1970 – a condição feminina também foi marcante para o relato de Helena Salem. A escritora não abriu mão de sua condição latino-americana e de jornalista ocidental; além disso, palestinos e latino-americanos tinham o Terceiro Mundo em comum, frisa ela já nas primeiras proposições do livro. No texto, a miséria de muitos países e o que viu na visita aos campos de refugiados palestinos, em Beirute, saltavam aos olhos: “Nos campos, na miséria, na desigualdade dos campos de refugiados, com a resistência comecei a compreender realmente que o fundo do problema estava todo ali, naquele povo que há décadas encontrava-se exilado, apátrida, esperando” (Salem, 1977, p. 5).

Salem esteve dedicada, por muito tempo, ao estudo de toda questão árabe e israelense e queria, por meio de seus relatos, levar a público um entendimento mais completo acerca do conflito entre os povos e a opressão crescente aos palestinos. Mas a tarefa, no centro da divergência, não foi fácil. O fato de ser judia, mas de sobrenome árabe, foi causa de problemas, assim como a posição clara assumida, contrária aos ataques aos direitos dos palestinos; mesmo procurando contextualizar, via uma longa pesquisa história, as origens do embate e a condição injusta imposta por Israel e aliados: “Não faltaram as grotescas acusações, aqui e ali, de ‘judia anti-semite’ - apesar do sobrenome árabe, sou de origem judaica, o que, embora para mim não constitua a minha principal característica, é um dado que absolutamente não pretendo renegar ou algo parecido” (Salem, p. 10, [grifo no original]).

O contato com o povo palestino foi fundamental para dar mais peso ao debate que as jornalistas decidiram enfrentar, abrindo um “campo de possíveis” a partir do contexto de vida daquela parte do mundo: “Eu parti para a Palestina com uma ideia concebida: contar a história da Palestina por meio de histórias de mulheres. E de fato isso foi feito. Não foi um acaso” (Mabilia, 2014).

## Identificação com a causa palestina

Helena Salem é apresentada no prefácio de *Palestinos: os novos judeus* pelo jornalista Newton Carlos, comentarista internacional. Ele ressalta a vontade de testemunho que a autora possuía, por pertencer a um país considerado – à época – assim como os territórios palestinos, de Terceiro Mundo: “O paralelo surge naturalmente, produzido por uma vontade de testemunho cujos impulsos saem de gestos profissionais, de jornalista, com uma consciência de Terceiro Mundo presente em cada página deste livro-reportagem” (Carlos, 1977). No caso de *Viagem à Palestina: prisão a céu aberto*, a narrativa de Adriana Mabilia é apresentada pelo jornalista José Arbex Júnior. Para ele, a jornalista é generosa, permitindo que o texto revele “seus próprios medos, perplexidades e incertezas” (Arbex Júnior, 2013, p. 7).

As obras analisadas são publicadas com 36 anos de diferença. Salem, em 1977, dedicou parte considerável do texto a reconstruir minuciosamente o histórico da relação árabe-judaica na Europa e no Oriente Médio. Como elemento transversal já revelado pelo título da obra, a escritora relembra a segregação cultural que os judeus sofreram durante o Século 19 e metade do Século 20, comparando-a à evacuação sofrida pelo povo palestino depois da chegada dos judeus sionistas ao território, desde então, em disputa. Já Mabilia – em 2013 – dedicou-se mais a uma análise da realidade social e geográfica do povo palestino; assim como Salem, todavia, demarca o fio condutor do relato já no título. A “prisão a céu aberto” exalta os limites à liberdade em um país que sofreu um processo de oclusão.

A sensação que transparece é a de que as duas autoras buscam tomar o leitor pela mão e levá-lo ao espaço experienciado por elas no contexto da reportagem, ou seja, de permitir-se conhecer a Palestina pela narrativa de uma maneira mais complexa: “[...] travei contato com a Resistência e os refugiados, agora mais profundo, mais revelador. Foi então que me surgiu, pela primeira vez, a ideia de fazer um livro sobre os palestinos” (Mabilia, 2013, p. 10). Enquanto Mabilia apresenta personagens a quem escolhe dar voz, bem como uma cartografia dos lugares, centralizando a causa da mulher palestina para demonstrar seu ponto de vista, Salem transporta o leitor – ao contexto palestino – por meio de informações históricas, cartográficas e sociais que culminam nos fatos e ponderações acerca do que ela viveu

estando lá, sendo a Resistência Palestina o eixo principal da narrativa.

Manifesta-se na escrita de ambas um desejo de desafiar o leitor a uma compreensão mais alargada da causa palestina. Até por isso – como reflexo de uma visão histórica – tecem críticas ao jornalismo que não aborda com mais propriedade no tema: “[o livro] pretende contribuir para o conhecimento do problema palestino em nosso país, onde é tão precária a literatura a respeito, sobretudo de autores nacionais” (Salem, 1977, p. 11), salienta a primeira autora nos momentos iniciais da obra. Além disso, são também levadas a tomar tal posição pela própria política de fontes que adotam – no contato com as personagens que acessam e dão a ver, a seguir – no relato:

*O meu constrangimento é tamanho que a minha única reação é um sorriso contido e envergonhado. Na minha pequenez, me sinto representante de toda a comunidade internacional, incluindo as Nações Unidas, que, apesar de todas as resoluções contrárias à ocupação, aos assentamentos e aos ataques, em sessenta anos não deteve o governo de Israel (Mabilia, 2013, p. 138).*

Como ressalta Carvalho (2012, p. 178), quem escreve tem “intencionalidade de criar efeito, ao que sempre corresponderão formas tão múltiplas quanto à própria quantidade de leitores”. Mabilia reporta abertamente seus sentimentos, inclusive de medo, como nos intervalos em que se vê em manifestações e situações de emoção nas ruas: “[...] sinto que deve ser um momento de reflexão. A manifestação talvez tenha sido pra mim o que percorrer a caminho de Santiago de Compostela ou meditar num templo budista na Índia seja para alguns” (Mabilia, 2013, p. 89), demonstrando um envolvimento até espiritual com o tema e a proposta que escolhe desenvolver. Em outro trecho, afirma: “a primeira coisa que me vem à mente é que estou justamente dentro de um alvo em potencial para um atentado terrorista: um ônibus cheio de israelenses e soldados. Por alguns segundos eu me desespero” (Mabilia, 2013, p. 132).

Helena Salem – por sua vez – costura o próprio tempo cronológico, formando uma teia. O leitor atento ao texto, quando conclui a leitura, provavelmente terá muito mais elementos para se convencer da necessidade de apoio à causa. Na apresentação, ela anuncia:

*Quero deixar bem claro que não me coloco contra o povo judeu e a favor dos árabes. Como jorna-*

*lista, e, sobretudo como ser humano, sinto-me tão próxima dos judeus quanto árabes enquanto povos [...]. A minha origem judaica e o meu conhecimento dos árabes permitem-me afirmar, com segurança, que se tratam de povos irmãos, artificialmente opostos por interesses exteriores aos seus (Salem, 1977, p. 11).*

Na narrativa das duas jornalistas, a importância da informação para a mudança que pretendem é central. Salem apresenta-se com vontade de testemunho de alguém pertencente ao Terceiro Mundo, estando no Século 20; no passar para o Século 21, Mabilia apresenta-se também como alguém que busca testemunhar e que trará à tona o relato de mulheres para contar a realidade palestina. Salem e Mabilia se permitem partilhar – abertamente – uma experiência de mundo que mescla diferentes contextos temporais e espaciais e que se quer forte a ponto de poder participar da experiência dos seus leitores no modo de compreender a questão que move o gesto de narrar de cada uma.

O posicionamento que as autoras tomam para narrar pode ser lido como um posicionamento humano, que ultrapassa uma curiosidade jornalística e nasce – inclusive – no contexto dessa experiência de vida. É exemplar a passagem em que Adriana Mabilia mescla a posição de profissional do jornalismo com a de filha, rerepresentando a intencionalidade do livro e do seu gesto:

*- Mãe, imagina que essa casa aqui que você e o papai compraram, onde hoje nós moramos, seja invadida por outra família. Eles chegam armados; por isso são mais fortes. Como nos recusamos a sair, eles matam o papai, batem em você e nos colocam para fora, sem nada, sem móveis, sem roupas, sem dinheiro. E eles são em maior número, porque já compraram a casa do vizinho da frente e do vizinho de trás. Mas, como nem todos querem vender suas casas, eles vão tomar a força as demais casas e terras. A nós, resta aceitar e ir embora pra outro lugar. Assim aconteceu em larga escala em 1948 e 1967 (Mabilia, 2013, p. 129).*

## Posicionamento como jornalista

A decisão de escrever um livro sobre a Palestina e a região de conflitos é objetivo em comum entre as autoras, mesmo estando elas distantes temporalmente. Helena Salem e Adriana Mabilia buscam apresentar ao leitor um conhecimento embasado do problema palestino, bem como “suscitar a discussão, trazer um pouco mais para perto de nós, brasileiros, essa realidade que aparentemente nos fica tão

longe, estranha e confusa” (Salem, 1977, p. 11). Tais escolhas também demarcam um modo de fazer jornalismo e de narrar das autoras.

Para introduzir o leitor nas temáticas a serem tratadas, Salem (1977) conta o que a instigou a conhecer a região, vontade que nasceu ainda quando era redatora da editoria internacional do *Jornal do Brasil*:

*Durante dois anos especializara-me em assuntos do Oriente Médio - isto é, especializara-me tanto quanto é possível fazê-lo à distância, sem conhecer vivencialmente o povo de quem falava. Por isso mesmo, quando, em 1972, ganhei uma bolsa de estudos de aperfeiçoamento em Política Internacional para a Itália, decidi que ao final do meu curso faria uma viagem pelo mundo árabe e Israel, com o objetivo de conhecer de perto o que conhecia relativamente bem em teoria (Salem, 1977, p. 1).*

É marcante nos livros a aproximação e a identificação das autoras com o povo e o lugar. Adriana Mabilia registra: “[...] desde que pissei na Palestina, senti a magia do lugar. É uma energia tão forte que posso tocar. É uma troca. É uma energia que emana dentro de mim e interage com o lugar” (Mabilia, 2013, p. 210). Helena Salem (1977) – por sua vez – reitera, em diferentes momentos, a comparação do povo árabe com o povo latino-americano, bastante parecidos, afirma: “[...] é uma gente tremendamente hospitaleira no geral, simples, com características de comportamento semelhante às nossas, apesar das diferenças culturais. Solidarizei-me muito com os problemas, com o seu sofrimento, tão comum ao nosso” (Salem, 1977, p. 8). Temos – nos dois casos – direções importantes para a escrita que levam a cabo em cada obra.

Por meio dos apontamentos e impressões próprias de quem está vivendo em outro país, podemos observar alguns aspectos que se diferenciam e se assemelham na forma de narrar das autoras. Elas relatam suas experiências, as percepções e os procedimentos de apuração no período em que estiveram no Oriente Médio: fotos, tabelas ilustrativas e ainda registros e dados históricos são referência para compreensão do assunto. As informações que utilizam vêm também do jornalismo, de publicações e de amigos jornalistas, fontes para as autoras, mostrando um modo de utilização da rede informativa que o próprio jornalismo oferece, acionada como documento e como elemento de investigação para certificação, exemplificação ou apoio na costura dos argumentos

sobre a causa; reafirmando, por esse uso, seus argumentos.

A forma de narrar deixa claro o posicionamento de Helena Salem (1977). Em diversos trechos do livro; seus procedimentos como jornalista emergem, nomeando pessoas, fontes de pesquisa e lugares por onde passou: “A visita valeu pela oportunidade que tive de conhecer novos campos de refugiados e sentir o descontentamento velado da população refugiada palestina”, (Salem, 1977, p. 7). O trecho a seguir também é destaque:

*À parte a realidade argelina, a Conferência de Cúpula em si proporcionou-me um momento muito emocionante. Como jornalista do Terceiro Mundo, foi com profundo orgulho que vi, pela primeira vez, Estados subdesenvolvidos afirmarem uma posição, colocando em perigo o mundo desenvolvido, apavorado com a crise do petróleo que abalou diretamente seu modus vivendi confortável, conseguido até então às custas do desconforto de tanta gente. [...] Como latino-americana, também deste sofrido Terceiro Mundo, não pude deixar de sentir-me emocionada e orgulhosa, o que causou certo espanto e estranheza aos colegas europeus, para quem o mais importante era saber se os árabes iriam ou não abrir as torneiras de petróleo (Salem, 1977, p. 6-7).*

Do mesmo modo, Adriana Mabilia (2013) – ao se referir ao aumento considerável dos assentamentos em terras palestina –, revela processualidades do seu trabalho: “E, desta vez, eu não soube disso por meio de agências de notícias internacionais ou por relatos de outros jornalistas; estou vendo. Ninguém me contou, eu estou vendo” (Mabilia, 2013, p. 92). Mesmo desaprovando o caso, Mabilia (2013) faz questão de acentuar seu papel lá: “não estou aqui para julgar, promover, defender ou denegrir nenhum dos lados” (Mabilia, 2013, p. 186). Não deixa de reiterar, porém, a dificuldade de lançar mão de uma pretensa isenção, como citamos anteriormente: “[...] é difícil me manter isenta, como se eu fosse desprovida de sentimentos e emoções. Não está certo, não é humano, não está dentro das leis internacionais manter um povo confinado. Estamos falando de mulheres, crianças, homens, gente” (Mabilia, 2013, p. 186). Ao construir seu relato, em meio ao material apurado, a experiência vivida se encaixa com a experiência jornalística. O modo de fazer jornalismo novamente aparece perspectivado no relato:

*Entregar-me a essas sensações às vezes me causa culpa, pois o jornalista tem de manter o mínimo*



*de distância dos acontecimentos para relatá-los de maneira imparcial e precisa. Tenho pleno conhecimento dessa regra e concordo com ela, mas, ao mesmo tempo, penso que estou aqui justamente para entender o que é viver num território ocupado. Então, vivenciar essa experiência pela metade e bloquear os meus sentimentos, talvez, de alguma forma, também signifique ignorar e dar as costas aos fatos (Mabilia, 2013, p. 53).*

Como ressaltado no início do presente texto, as narrativas jornalísticas são formas de experimentação do mundo, sondagens que permitem tecer novas notas sobre o tempo e o espaço vivido. Como demarca Motta (2013), é no cotidiano que as múltiplas realidades são filtradas, e nele são buscadas as referências para a constituição do senso comum.

### Comentários finais

Tendo como horizonte empírico os livros *Palestinos, os novos judeus*, de Helena Salem (1977), e *Viagem à Palestina: prisão a céu aberto*, escrito por Adriana Mabilia (2013), consideramos que o percurso de leitura aqui registrado reinstala a problemática da comunicação, conforme proposição de Michel de Certeau (2000). Para ele, tem centralidade o ato de assumir um lugar de fala, bem como o compromisso de uma “linguagem por fazer”. Desse modo, reconhecer que a perspectiva da narrativa permeie o jornalismo, permite não só entender que ele é permeado por disputas de sentidos; também, que é possível redescobrir –ininterruptamente – a potencialmente do relato em sua qualidade de promover algum tipo de ruptura sobre nosso tempo e nosso espaço, residindo aí uma de suas grandes riquezas como partícipe da costura da nossa experiência de mundo.

Ao estudar o jornalismo por tal viés – portanto – conseguimos renovar ininterruptamente a pergunta sobre como se narra o mundo hoje, sabendo, de antemão, que há diferentes modos de fazê-lo, e tendo em mente que as narrativas jornalísticas estão vinculadas a um mundo em movimento: elas afetam e são afetadas por ele. O reconhecimento do tempo presente que aí pode emergir – como fruto de uma prática e um modo de dizer – reitera a função social do jornalismo, atrelada, primordialmente, ao interesse público. Essa narrativa jornalística, no contexto da reportagem am-

pliada e permeada pela relação entre sujeitos, convida-nos a novas problematizações.

Se tomarmos como problemática de nosso campo a existência de um déficit de abrangência das narrativas jornalísticas (Medina, 2008), seremos obrigados a procurar elementos que permitam novos espaços para tensionar nossos objetos de investigação e nossas questões no campo do jornalismo. O estudo de livros de repórteres anima a pesquisa nessa direção, abrindo possibilidades de leitura.

A partir do que procuramos empreender aqui, percebemos aspectos estruturantes do narrar jornalístico na visão das autoras trabalhadas, modos de ação que demarcam uma escrita que pretende liberdade de estruturas padronizadas de tematização do assunto central de ambas as obras, negando a simplificação da realidade. Em Adriana Mabilia e Helena Salem, o esforço de investigação de ambas permite materializar uma narrativa jornalística mais próxima das complexidades sociais; nas palavras de Cremilda Medina, uma comunicação que permita “identificar, compreender e participar do presente histórico em toda a sua dinâmica e complexidade” (Medina, 1991, p. 196).

O leitor – ao se permitir descobrir as camadas de texto que compõem os dois relatos – pode visualizar diferentes épocas da questão Palestina, sem esquecer a realidade sempre presente: a ocupação, a dor do conflito e o des-caso de parte da comunidade internacional. Uma história contínua sobre a qual ainda há muito a se ouvir, a se dizer<sup>4</sup>.

### Referências

- ARBEX JÚNIOR, J. 2013. Prefácio. In: A. MABILIA. *Viagem à Palestina: prisão a céu aberto*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 7-9.
- BENJAMIN, W. 1994. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura*. São Paulo, Brasiliense, 254 p.
- CARLOS, N. 1977. Prefácio. In: H. SALEM. *Palestinos, os novos judeus*. Rio de Janeiro, Eldorado-Tijuca, s/p.
- CARVALHO, C. A. Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricoeur. *Matrizes*, 6 (1-2), 2012. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/261>>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 2000, 352 p.

<sup>4</sup> Versão revista de trabalho originalmente apresentado no XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado em Joinville - SC, em 2015.



- FOUCAULT, M. 2009. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 432 p..
- GAGNEBIN, J. M. 2013. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo, Perspectiva, 144 p.
- LIMA, E. P. 1993, *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 271 p.
- MABILIA, A. Entrevista aos autores e autoras, nov. 2014.
- MABILIA, A. 2013. *Viagem à Palestina: prisão a céu aberto*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 223 p.
- MAROCCO, B. Os “livros de repórter”, o “comentário” e as práticas jornalísticas. *Contracampo*, 22 (116-129), 2011.
- MOTTA, L. G. 2013. *Análise crítica da narrativa*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 255 p.
- MOTTA, L. G. 2012. Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo: representação, apreensão ou experimentação da realidade. In: F. H. PEREIRA; D. O. MOURA; Z. L. ADGHIRNI (orgs.), *Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias*. Florianópolis, Insular, p. 219-241.
- MEDINA, C. 2008. Déficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade. *Matrizes*, 2 (1).
- MEDINA, C. 1991. Jornalismo e a Epistemologia da Complexidade. In: C. MEDINA (org.), *Novo pacto da ciência. A crise dos paradigmas – primeiro seminário interdisciplinar*. Anais, USP/ECA.
- RODRIGUES, L. V.; STASIAK, L.; RIGO, L. B.; NASI, L. Procedimentos e rotinas jornalísticas em livros de repórteres acerca da Palestina. In: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2015, Joinville. *Anais XVI do...* São Paulo, Intercom, 2015.
- SALEM, H. 1991. *Entre árabes e judeus: uma reportagem de vida*. São Paulo, Editora Brasiliense, 120 p.
- SALEM, H. 1977. *Palestinos, os novos judeus*. Rio de Janeiro, Eldorado-Tijuca, 148 p.
- VILAS BOAS, S. (org.). 2007. *Jornalistas literários: narrativas da vida real por novos autores brasileiros*. São Paulo, Summus, 320 p.
- ZAMIN, A.; NASI, L.; SCHWAAB, R. De como o acontecimento se torna: reflexões sobre experiência e partilha. *Interin*, 22 (58-730), 2017.
- ZAMIN, A.; RICHTER, T. G.; MILANI, T.; SANTOS, T. M. G. “O mundo tem que saber disso de alguma maneira”: crítica das práticas jornalísticas na reflexão de jornalistas brasileiras. *Animus*, 14 (239-255), 2015.